

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 26 - número 51 - março 2017

vol. 26 - número 51 - março 2017

Fundação Eng. António de Almeida



JEAN-LUC NANCY

UM CAMIÃO LANÇADO*

Resumo: Escrito no sobressalto do ataque de Nice, *Um camião lançado* é o diagnóstico desassombrado do filósofo Jean-Luc Nancy do estado actual do nosso mundo e o concomitante apelo à urgência da responsabilidade do nosso pensamento para um pensar novo e diferente capaz de reinventar um novo porvir e de lograr criar um outro «mundo possível» humano: «O mundo», diz Nancy, «encontra-se num ponto de viragem. Tem um novo porvir a inventar. Matar crianças (e demais) é matar o porvir sem sequer fazer existir um presente. Não basta levantar o tom: é também preciso pensar o que existir pode querer dizer de diferente de fazer rolar camiões, máquinas e empresas. [...] Porque o que está em jogo é a exigência incondicional de um mundo possível.»

Résumé: Écrit dans le sursaut de l'attaque de Nice, *Un camion lancé* est le diagnostic hardi du philosophe Jean-Luc Nancy de l'état de notre monde et le concomitant appel à l'urgence de la responsabilité de notre pensée pour une autre pensée, nouvelle et différente, capable d'inventer un nouvel avenir et de réussir à la création d'un autre «monde possible» humain: «Le monde», dit Nancy, «est à un tournant. Il a un nouvel avenir à inventer. Tuer les enfants (et les autres), c'est tuer l'avenir sans même

Abstract: Written during the shudder of the Nice attacks, *A Hurled Truck* is the bold diagnosis by the philosopher Jean-Luc Nancy of the state of our world and the concomitant appeal to the urgency of the responsibility of our thought to give rise to a new and different way of thinking capable of inventing a new future and of achieving another human “possible world”. “The world”, Nancy says, “is at a turning point. There is a new future to invent. Killing children (and others) is to kill the

* Texto de Jean-Luc Nancy editado no Liber de 18 de Julho de 2016.

faire exister un présent. Il ne suffit pas de hausser le ton : il faut aussi penser ce qu'exister peut vouloir dire d'autre que faire rouler des camions, des machines et des entreprises. [...] Car ce qui est en jeu est l'exigence inconditionnelle d'un monde possible.»

future even without causing a present to exist. It is not enough to raise the tone: it is also necessary to think in what way existing might be different from driving trucks, machines and enterprises. [...] Because what is at stake is an unconditional demand for a possible world.”

Um camião lançado para esmagar crianças – entre outros – dá uma imagem insuportável do niilismo. O próprio niilismo nomeia um acabamento: o da nossa história e da nossa civilização doravante mundiais.

Agarre-se ele a simulacros religiosos, ou então a desvarios psicóticos (ou a uns pelos outros), queira-se ele louco de Deus, de poder ou de trans-humanismo, ele logra destilar-se e envenenar tudo em redor envenenando todos aqueles a quem podem fascinar os poderes de aniquilar.

Não basta declarar-lhe guerra. É preciso culparmo-nos a nós mesmos, ao nosso empreendimento universal de poder jamais saciado. É preciso apresar e desmontar os camiões loucos dos nossos supostos progressos, dos nossos fantasmas de domínio e da nossa obesidade mercantil.

O mundo encontra-se num ponto de viragem. Tem um novo porvir a inventar. Matar crianças (e demais) é matar o porvir sem sequer fazer existir um presente.

Não basta levantar o tom: é também preciso pensar o que existir pode querer dizer de diferente de fazer rolar camiões, máquinas e empresas. Hoje, um homem político, uma mulher política não pode mais evitar falar do sentido do nosso mundo. E não apenas recitando a divisa da República francesa. Porque cada uma destas palavras está esmagada pelos camiões, pelas máquinas e pelas empresas. E pela insuficiência ou pela negligência dos nossos pensamentos.

Não se trata de nos acusar, a nós, mais do que de denegrir os fanáticos, os terroristas e os aterrorizados. Trata-se, isso sim, de ultrapassar todas as formas de reflexo condicionado. Porque o que está em jogo é a exigência incondicional de um mundo possível.

Tradução
Fernanda Bernardo*

* Registo também aqui o meu reconhecimento admirativo e efectivo a Jean-Luc Nancy pela sua autorização desta tradução e edição em língua portuguesa.